

## ***Torto arado é literatura engajada***

*Torto arado*, de Itamar Vieira Júnior

Liana Aragão Scalia\*

Certa vez, ouvi da boca de um escritor brasileiro que ao artista cabia criar e à academia, fazer crítica. Tratava-se de um deliberado anúncio de uma regra, referente a um campo social (Bourdieu, 1996) que não dispõe de uma “CLT” formal. No campo literário, como em diversos outros, as leis estão no ar: nos anúncios, nas entrelinhas, nas próprias publicações, no comportamento editorial, nas entrevistas, nas palestras etc. E acabam por ditar o *modus operandi* de quem transita e quer transitar por aqui.

Itamar Vieira Júnior vem desencontrar essa regra. Mas talvez apenas essa. É funcionário público e acadêmico. Apesar disso, e também por causa disso, criou o já premiado (Prêmio LeYa, em 2018; e Oceanos e Jabuti, em 2020) e festejado romance *Torto arado* (São Paulo: Todavia, 2019. 6ª reimpressão). Autor de dois outros livros de contos, *Dias* e *A oração do carrasco* (finalista do Jabuti em 2018), Vieira Júnior é geógrafo e doutor em estudos étnicos e africanos pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Suas pesquisas de mestrado e doutorado, que se desenvolveram na região da Chapada Diamantina, no centro do estado da Bahia, e o contato com Grupos Populacionais Tradicionais Específicos (GPTE) – indígenas, quilombolas,

\* Jornalista e mestre em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB). Atualmente, é graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo.

ribeirinhos, extrativistas etc. –, proporcionado por seu trabalho no Incra, foram, segundo o próprio autor, inspiração e matéria-prima para o desenho da obra.

*Torto arado* conta a história de uma comunidade quilombola – que inicialmente não se enxerga como tal – que habita uma fazenda chamada Água Negra, no interior baiano, desde meados do século XX. Trata-se de um cenário rural arcaico que uma leitura rasa – para não dizer branca, urbana e “classe média” – afasta imediatamente dos dias atuais. Parece ser um livro sobre o passado. Alguns elementos, como a Ford Rural de Sutério, a TV de Damião, a motocicleta de Severo, bem como a referência à estiagem de 1932, que assolou grande parte do Nordeste, e a menção a sindicatos situam o leitor num momento histórico muito próximo do que vivemos. É um livro que trata com competência de diversos assuntos supostamente superados, como o período escravocrata, cujas práticas perduram ainda depois de mais de um século da oficiosa abolição da escravatura.

A primeira parte do livro, “Fio de corte”, é narrada por Bibiana, nascida e criada em Água Negra, filha de Zeca Chapéu Grande, curador e líder espiritual e comunitário, e de Salustiana, neta de Donana e irmã de Belonísia, Zezé e Domingas. A primeira cena é impactante: conta com detalhes o acidente que acaba por tirar a voz de uma das irmãs (Bibiana ou Belonísia?) e que, como consequência, as une numa relação mais íntima do que a fraternal, já que uma passa a falar pela outra, a expressar tudo da outra, desde necessidades básicas a desejos, angústias, anseios. E, para falar pela outra com fidelidade, é imprescindível que se desenvolva uma leitura pormenorizada e cuidadosa de gestos, olhares, ritmo respiratório e até sanguíneo. “A que emprestaria a voz teria que percorrer com a visão os sinais do corpo da que emudeceu. A que emudeceu teria que ter a capacidade de transmitir com gestos

largos e também vibrações mínimas as expressões que gostaria de comunicar” (2019, 23-4).

“Fio de corte” traz a rixa das gêmeas Crispina e Crispiniana, que acabam por funcionar como um paralelo entre Bibiana e Belonísia, além da chegada à fazenda do tio materno e sua família, incluindo o primo Severo, e de parte da história de Zeca Chapéu Grande, Salustiana e Donana antes da chegada a Água Negra. A condução de Bibiana, quase neutralizada em sotaque e vocabulário regionalizado, costura ocorridos marcantes da infância e adolescência dela e da irmã, sem revelar qual das duas teve a fala mutilada pelo acidente da primeira cena.

É nessa tentativa de guardar do leitor o segredo sobre quem perdeu a fala e quem se expressa pelas duas que Vieira Júnior comete o exagero do uso de sinônimos e da repetição do conteúdo velado, que acaba por comprometer a fluidez da narrativa. “Uma de nós levaria a notícia para casa” (2019, 29), “no início, a que era voz duplicada, a que falava pelas duas, cuidou, sem perceber, de instruir o primo” (p. 43), “fiz chegar a minha mãe a mensagem de que Belonísia estava com o primo Severo” (p. 47), “se minha irmã demonstrava desencanto” (p. 48), “Belonísia veio me comunicar o que havia escutado” (p. 55), “não fui capaz de comunicar nada” (p. 82) e “gesticulei muito para expressar o quanto não estava segura da viagem” (p. 84) são algumas passagens que exemplificam o excesso dos artifícios que o autor utiliza para manter o segredo. No conjunto, a bem construída parte “Fio de corte” perde força em decorrência desse arremedo de aliteração, mas é arrematada com a revelação, enfim, de modo poético e emocionante.

Na segunda parte, que repete o título do romance, *Torto arado*, Belonísia assume a narração, quase que com a mesma toada

de Bibiana, embora com frases mais curtas, em momentos de tensão, e certo conformismo diante do que ocorre com a sua história e a dos seus convivas. Algumas das cenas ganham nova versão (como a do acidente inicial que tira a fala de uma das irmãs) e outras são complementadas. Se o conformismo ocupa lugar importante, como quando sucumbe ao pedido de Tobias para que fosse se juntar a ele, igualmente a coragem assume lugar de destaque.

Recém-saída da adolescência, Belonísia se vê num casamento com um trabalhador da fazenda que mal conhece. Ela descreve um relacionamento que se iniciou com certa cortesia e até carinho, mas que aos poucos foi se tornando abusivo e opressor. Quando chega à casa de Tobias, Belonísia se depara com um ambiente sujo e com muitos objetos acumulados. Ciente do que seria o papel doméstico de uma mulher – obviamente contestado e refutado na atualidade, mas que ainda encontra eco em estruturas sociais<sup>1</sup> –, a personagem se vê diante do desafio de tornar a casa não apenas habitável, mas o seu novo lar. Organiza, limpa, cozinha, costura. Porém, o que inicialmente agrada o companheiro logo se transforma na razão para reações violentas dele, que ela não contesta ou revida.

Violência mais ostensiva ocorre contra a vizinha, Maria Cabocla, que recorre à proteção da casa de Belonísia algumas vezes, enquanto Tobias está trabalhando. Maria Cabocla recebe cuidados e até mesmo intervenções no trato com a casa e as crianças. Mais tarde, após a morte de Tobias, Belonísia se investe de um papel selvagem e justiceiro, quando confronta o marido da vizinha, chegando

<sup>1</sup> Um exemplo elementar é a categorização de brinquedos, quando vassouras, ferros de passar e fogões são direcionados a meninas, além de majoritariamente apresentados em cor de rosa e ocupando a seção feminina em lojas. Cf. Acácio, 2019.

a ameaçá-lo com a faca (o mesmo objeto que provocou o acidente condutor da história).

As reflexões sobre si e seu papel na relação com um companheiro opressor têm lugar central na narrativa. Alinham-se a essa centralidade os comportamentos advindos da falta de voz. O lugar de fala da mulher que é narradora, corajosa e dona do seu destino é um lugar sem som efetivo. Uma alegoria das tentativas constantes e ainda tão presentes de supressão de discursos antimachistas, cenário igualmente não superado, tal como o já citado suposto encerramento da exploração do trabalho escravo em terras brasileiras.

É com a narradora Belonísia que vemos as figuras femininas começarem a ocupar o lugar de poder antes atribuído aos homens: Salustiana torna-se a parteira oficial da comunidade, Tobias morre, Zeca Chapéu Grande morre e Severo, voz ativa da revolução contra a exploração dos trabalhadores, é assassinado. Esse movimento de solidariedade feminina, com um protagonismo compartilhado, sônore, continua até o desfecho do romance. Domingas, dona Miúda, a própria Maria Cabocla, Bibiana (quando retorna à fazenda) e suas filhas e várias outras dão os contornos da dinâmica em Água Negra.

Belonísia também intensifica outro elemento fundamental: a relação das personagens com a terra. Na casa de Tobias, agora sua também, ela cria o seu próprio roçado, que logo vira razão de ser da casa e refúgio de Belonísia quando dos episódios violentos de Tobias. É no cultivo da terra que reside a relação simbiótica com o pedaço de chão, quase como se fosse parte do próprio corpo e não como um bem a ser declarado no imposto de renda. Em uma passagem, a narradora lembra e repete o pai, que deita e encosta o rosto à terra, de modo a ouvir/compreender o que ela precisa. A relação com a terra só começa a ser revista quando o discurso do direito ao pedaço de chão é tra-

zido pelos mais jovens. A visão dos mais velhos se traduz na fala de Zeca Chapéu Grande, contrapondo-se ao embate que se anuncia: “o documento da terra não vai lhe dar mais milho, nem feijão. Não vai botar comida na nossa mesa” (2019, 185-6). E a tensão rural, que nos dias atuais ainda resulta em mortes sem possibilidade de resolução policial, ganha contornos importantes no romance, quando Severo entoa o discurso da luta pelo reconhecimento de Água Negra como território quilombola e é assassinado.

A terceira parte, “Rio de sangue”, é narrada por uma terceira figura feminina: a entidade Santa Rita Pescadora. É nesse momento que o Jarê, religião que mistura ritos de matriz africana, cristianismo e espiritismo, cuja ocorrência parece típica da região da Chapada Diamantina, ganha centralidade. Santa Rita Pescadora, entidade anterior à própria existência da fazenda Água Negra, resgata uma história de exploração iniciada no período colonial escravocrata, passando pela mineração de diamantes (que dá nome à região) até os dias em que decorre a narrativa, que ultrapassa a segunda metade do século XX, caminhando para o século XXI. A encantada retoma histórias já contadas, como a do acidente com a faca que mutilou uma das irmãs, apresentando uma versão de observadora a cada uma. Porém, na condição de entidade que se manifesta no transe dos humanos, incorporando-os e dividindo com eles atos, conselhos e previsões, é também uma narradora participante. Vive e revive situações e assume o papel de reveladora. É ela quem nos traz, por exemplo, o segredo de Donana, inacessível aos personagens viventes, já que a matriarca leva seu mistério para o túmulo.

Nessa parte, Vieira Júnior é, enfim, feliz com a espécie de aliteração que imprime: o “rio de sangue” aparece como metáfora para o rio que testemunha um assassinato em suas águas, nos filetes de

sangue que correm do corpo de Severo baleado, as mãos de Bibiana que sangram e outras cenas. “O sofrimento era o sangue oculto a correr nas veias de Água Negra” (2019, 247). O desfecho do muito bem costurado romance se dá com ação conjunta das três narradoras, num arremate feliz, libertador e redentor.

Vieira Júnior, desse modo quase desprezioso, apesar de resultado de uma construção cuidadosa, revisada e revisitada pelo próprio autor inúmeras vezes, como é natural a quem conclui seu doutorado com uma tese coesa e cientificamente respaldada, recebe o reconhecimento buscado no campo literário. É a postura do acadêmico – e por que não dizer, também do zeloso servidor público, comprometido com os ditames de nossa Carta Magna e do conjunto de leis, decretos, portarias que dela se originam? – que confere à obra o engajamento político que tanto assusta os membros desse campo quando externam preocupações acerca de datação e/ou regionalização de obras literárias. E foi essa postura que deu ao livro o que lhe é mais caro e que não pode ser reduzido diante da poesia, das figuras de linguagem, dos arranjos textuais etc. Mas também desse aspecto cuidou Vieira Júnior: em suas entrevistas, palestras e participação em programas televisivos (como foi o caso do Roda Vida, pela emissora TV Cultura, que registrou boa audiência numa segunda-feira de carnaval, em 15/02/2021), ele já incorporou alguns clichês típicos do campo: “tive cuidado com a universalidade”, “faço referência a textos canônicos”, “como escritor, me interessa a ficção”, “ofereço pistas para que o leitor não receba tudo de bandeja”, “o leitor se encontra com a narrativa na linguagem”, “quero fazer literatura e não documento”. Além disso, quando já existe um movimento de ampliação editorial para que se incluam escritores, textos e personagens feministas, negros, nordestinos, deficientes, o engajamento

não pode mais ser um problema. Pronto, Itamar Vieira Júnior está devidamente aceito e, com a aclamação de seu romance inaugural, talvez se configure como o consolidador atual do engajamento político literário, tão desejável quanto necessário.



## Referências

- ACÁCIO, Andréa Maria. *A desconstrução dos estereótipos de gênero através do brinquedo e do brincar na educação infantil*. (Monografia apresentada ao curso de Especialização em Educação, Diversidade e Intersetorialidade, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais). Belo Horizonte: 2019.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- VIEIRA JÚNIOR, Itamar. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019.